

CASTELLO – Carlos Castello Branco foi meu primeiro chefe de redação, no *Diário Carioca*, em meados da década de 1950.

Tinha um fusca, talvez único no Rio de Janeiro, importado da Alemanha (não se fabricavam carros aqui), estranhamente refrigerado a ar, com motor na traseira e duas cores, caramelo e marrom.

Certo dia, cometeu um título “Pesca, golf e livros...” Alguém notou: “Olha o cacófato”. E ele, despachando para a oficina; “Cacófato é malícia de quem lê, não de quem escreve”.

Era jornalista político, não engajado; tinha escolhas, mas dava-se o respeito e respeitava a informação. Sua coluna no *Jornal do Brasil*, nos anos da ditadura, foi exemplo de como informar nas entrelinhas. Presidiu o Sindicato dos Jornalistas de Brasília, em ato de resistência, até 1981, Em 1976, o filho Rodrigo morreu num acidente em Brasília e ele conversou com João Goulart, que seria assassinado (era cardíaco, deram-lhe digital), meses depois, em Corrientes, Argentina, por obra de um agente (confesso) da Operação Condor.

Depõe o próprio Castello Branco:

“Você não mandou apurar a morte do seu filho?”, disse-me Jango. “Não. Acho que o Rodrigo morreu de acidente”. E ele: “Olhe, acho que você fez mal porque você causou muitos danos a esses militares. Quando minha família estava em Buenos Aires houve ameaça de morte para o João Vicente. Eu tirei os dois meninos de Buenos Aires e a minha mulher, e os transferei para Londres, cidade de que eu não gosto. Todo mês vou lá vê-los. Eu não poderia deixar de fazer isso, porque senão eles seriam assassinados”. Depois de ele me contar essa história, lembrei que recebia toda semana uma carta ameaçando meus pais, que eram velhinhos e moravam no Rio de Janeiro, na rua tal, número tal. Eu me lembro da carta: “Tudo pode acontecer a eles, até mesmo por acidente”. E depois vinha um pedacinho de papel com o desenho de uma forca. Era uma reprodução do desenho sobre a morte do Herzog e dizia: “O próximo será você, seu filho da puta”. Eu nunca dei bola para aquelas cartas, mas meu filho passava no jornal, recolhia aquilo tudo e levava pra casa. Ele é que guardava essas cartas todas. Depois da morte dele, as cartas desapareceram. Não sei o que aconteceu com elas. Aí não adiantava mais, meu filho já estava morto, não é? Prefiro não pensar no assunto. O negócio do Jango nesse dia me perturbou muito.”

Apesar de não querer crer na hipótese (sempre possível, no contexto da época) de acidente arranjado, Castello escreveu naqueles dias no *Jornal do Brasil* algumas de suas colunas mais ferinas e sensíveis. Depois, ele as reuniria nos três volumes de *Os militares no poder*